

SELVAS, POVOS PRIMITIVOS, DOENÇAS, FOME, GUERRAS E CAOS: A ÁFRICA NO CINEMA, HISTÓRIAS EM QUADRINHOS E NOS JORNAIS.

Ivaldo Marciano de França Lima

Resumo: A África, de modo invariável, é quase sempre representada de forma negativa. Os filmes produzidos pela indústria cinematográfica hollywoodiana, neste aspecto, reforçam um quadro em que a África se define ora pela guerra, ora pela miséria e a fome, ora pela corrupção generalizada. As revistas em quadrinhos se constituem em outra excelente possibilidade de mostrar uma África primitiva e habitada por selvagens incapazes de se autogovernarem. Os jornais constituem outra fonte de desinformação sobre a África. No geral, apenas notícias sobre golpes de Estado, doenças e graves acidentes são veiculadas. Neste sentido, este trabalho tem como objetivo discutir as representações do continente africano a partir destes três meios — cinema, revistas em quadrinhos e jornais — indicando a existência de estereótipos que se constituíram em clichês cristalizados para se referir ao continente africano.

Palavras-Chave: Histórias em Quadrinhos. Cinema. Jornal. África. História da África.

Abstract: Africa, so invariable, it is almost always represented in negative form. The films produced by the Hollywood film industry, in this respect, strengthen a framework in which Africa is now defined by war, poverty and hunger by now, sometimes by widespread corruption. The comic books constitute another excellent possibility to show a primitive Africa and inhabited by savages incapable of self-government. The newspapers are another source of misinformation about Africa. Overall, only news about coups, diseases and serious accidents are transmitted. Thus, this paper has as an objective to discuss the representations of the African continent from these three media — movies, comics and newspapers — indicating the existence of stereotypes that formed crystallized platitudes to refer to the African continent.

Key Words: Comics. Movies. Newspaper. Africa. Africa History.

Quantas e quais são as possibilidades de descrever o continente africano a partir do senso comum existente na população brasileira? Quais são as imagens recorrentes e o que significam mediante o confronto com a África descrita e explicada pelos estudiosos, notadamente os historiadores? A África é recorrentemente apresentada como um “país” ou lugar repleto de negros, com imensas florestas e inúmeros animais selvagens (Goidanich & Kleinert, 2011; MOYA, 1986; MOYA, 1977) ¹. É um “lugar com muita gente pobre”,

¹As revistas do Fantasma e do Tarzan são os melhores exemplos de representação da África como grande selva impenetrável e povoada por “tribos” primitivas.

“vivendo na miséria e passando fome”. É também o “país” em que a maior parte da população ainda vive de forma primitiva, sob a forma de “tribos”.²

Aliás, as guerras existentes nesse “lugar” decorrem do fato de serem muitas “tribos” morando juntas, e por isso vivem brigando umas com as outras. Esta é a ideia que subjaz no conceito de “guerra étnica”, modo pelo qual alguns estudiosos eurocêntricos percebem as diferenças políticas e econômicas existentes entre os povos do continente africano (MUNANGA, 2004).³ Algumas representações construídas por setores dos movimentos sociais negros não diferem muito desta perspectiva, ao aludir à romântica ideia de que na África todos são negros e africanos, vivendo numa espécie de solidariedade racial. Nestas representações prevalece a ideia de que a África é o “lugar de onde vieram os antepassados dos negros”, e também é de onde foram “trazidos os orixás e a magia negra”.⁴

Em geral, o senso comum, que pode ser entendido como construção direta destas diferentes representações, apresenta o continente africano como “o lugar dos negros”, “todos exímios dançarinos” e “excelentes percussionistas”, além de “praticantes da religião dos orixás”. São freqüentes, nas representações advindas do senso comum, as associações entre o continente africano e o candomblé, por mais que existam diferentes trabalhos mostrando que esta religião teve seus principais traços constituídos no Brasil. Acrescente-se a este aspecto o fato de que grande parte dos povos do continente africano professa o islamismo. Logo, candomblé e África não deveriam, neste sentido, serem apresentados como sinônimos.⁵

Não se pode desprezar, neste aspecto, algumas concepções teóricas que vêm nas práticas e costumes dos negros e negras no Brasil continuidades do continente africano. E neste sentido vale à pena conferir, como exemplo mais significativo, o documentário “Pierre Verger: Mensageiro entre dois mundos”, dirigido por Lula Buarque de Holanda, que mostra

²O cinema hollywoodiano foi pródigo em produzir representações de uma África beirando o caos. Filmes como *Diamantes de sangue*, *Lágrimas do Sol*, *A interprete*, *Amor sem Fronteiras* e *O Senhor das Armas* são alguns dos muitos exemplos possíveis de serem citados. As relações entre o cinema e a História já suscitaram diversos trabalhos, alguns dos quais bastante originais em relação a tomar os filmes como documentos diferentes (e por isso mesmo válidos) dos textos. Sobre o cinema e a História, ver: BARROS, 2008; LUMET, 1998; FERRO, 2010; MELEIRO, 2007; MERTEN, 2010; MORETTIN, 2011; NAPOLITANO, 2006; NAPOLITANO, 2004; ROSENSTONE, 2010; SOARES & FERREIRA, 2008.

³Sobre as “guerras étnicas” ver dois excelentes trabalhos que vão além deste conceito simplista: GOUREVITCH, 2000; HATZFELD, 2005. Sobre o contexto atual das guerras existentes no continente africano, ver: SANTOS, 2011; CARDOSO, 2011.

⁴Estas ideias decorrem das ressonâncias do movimento pan-africanista, que via o continente africano como uma unidade essencializada. Sobre esta questão, ver: APPIAH, 1997; LIMA, 2011.

⁵Sobre a forma como os iorubanos praticam a religião dos orixás na África, ver: MURRAY, 2007, especialmente as páginas 31-39. Sobre algumas religiões existentes no continente africano, ver: PRITCHARD, 1993 e 2004; TURNER, 2005.

as semelhanças entre a África e o Brasil numa perspectiva de continuidades. Considere-se também, uma grande quantidade de trabalhos acadêmicos que insistem em ver tudo o que foi (ou ainda é) construído por negros e negras no Brasil como “heranças” da África, o que de certa forma torna legítima a expressão “ilhas de África” cunhada por Roger Bastide ao se referir aos candomblés baianos (BASTIDE, 2001). Nesse sentido, é compreensível que o senso comum tome como legítima a ideia de que as práticas e os costumes da cultura negra, bem como as religiões de terreiro sejam vistas como “coisas da África”.

Em suma, as representações predominantes que permeiam o senso comum sobre o continente africano levam-nos a crer que os africanos são todos negros, e que, “apesar de pobres”, são felizes, uma vez que vivem “soltos pelas florestas”. Também é possível afirmar, com base nestas representações, que os “africanos” vivem em meio à miséria pelo fato de serem incivilizados e por estarem sempre envolvido em guerras. E estas são resultados do fato de pertencerem a “tribos” diferentes. Nesse sentido, os jornais, as redes de televisão, as revistas em quadrinhos e a indústria cinematográfica hollywoodiana têm papel fundamental para a construção e disseminação destas representações. Eis o quanto sabemos sobre a África!

6

Os mais escolarizados afirmam, referente às guerras, grosso modo, que estas resultam do fato de se terem colocado em um mesmo país “tribos” rivais, ou mesmo povos diferentes, e esta é a razão que explica não existir nenhuma nação rica e estável na África. Nesse sentido, prevalece sobre o continente africano uma ideia de que a pobreza e a miséria são cenas comuns, ou, por que não dizer, fruto da natureza humana dos africanos. As imagens da África do Sul, com seus belos prédios e estádios de futebol, durante a copa do mundo de 2010, de certa forma serviu para mostrar que nem tudo na África é pobreza, fome ou guerra. Mas a copa do mundo chegou ao fim, e as imagens predominantes sobre o continente africano continuam sendo as mesmas: miséria, pobreza, caos, guerras...

Estes argumentos, relacionados às imagens “consagradas” sobre a África, não se sustentam mediante as informações existentes na bibliografia disponível sobre a História da África, em particular na coleção *História Geral da África*, que mostra a existência de experiências anteriores em que estruturas centralizadas foram constituídas a partir da junção de vários povos, a exemplo do reino de Gana, ou do Império de Mali (Ki-Zerbo, 2010; Mokhtar, 2010; FASI, 2010; NIANE, 2010; OGOT, 2010; AJAYI, 2010; BOAHEN, 2010;

⁶Um excelente trabalho, que discute as representações existentes sobre o continente africano em nosso país, pode ser visto em Oliva, 2007.

MAZRUI, 2010). Como se fosse condição primordial para a exequibilidade de um Estado estabelecer fronteiras que comportem apenas um povo e uma língua! Tal questão cai por terra mediante o exemplo da Somália, em que praticamente a maior parte da população pertence ao povo somali, mas nem por isso o país consegue existir sem guerras ou conflitos que se sucederam após a deposição de Siad Barre, nos anos 1990.⁷ Os problemas existentes nos Estados nacionais africanos certamente não decorrem da pluralidade étnica.

Estas representações predominantes sobre a África, quase sempre construídas como fruto das estereotípias balizadas pelo cinema hollywoodiano, revistas em quadrinhos e jornais diários, são desconstruídas com uma simples visita ao continente em questão, qualquer que seja a parte visitada. Assusta perceber que não existe uma África, dotada de uma única imagem e possível de ser descrita no singular. Trata-se de um continente plural, repleto de línguas, povos, paisagens e contextos. Não há nada de universal que possa ser descrito como típico ou comum a todos os povos do continente africano. Nem mesmo os problemas!

Estas representações acima descritas não devem simplesmente ser interpretadas como ignorâncias generalizadas da população em geral. Elas devem ser entendidas como o resultado de anos de informações deturpadas e eivadas de forte etnocentrismo para com as práticas e os costumes de povos diversos. Tanto os filmes veiculados no cinema e na televisão, bem como os periódicos, trazem notícias e representações estereotipadas sobre o continente africano. Ao que me parece, estas imagens consolidam uma visão de que a África realmente é o lugar do caos e da desordem, gerando a necessidade de heróis brancos e dotados do poder da civilização, a exemplo de Fantasma e Tarzan. O primeiro tinha sempre ao seu dispor os pigmeus bandar que vinham atendê-lo em seus pedidos diversos.

Também ocorria o inverso, ou seja, Fantasma era procurado para resolver os problemas dos bandar, ou de outros povos, retratados na revista como “tribos”. As querelas envolvendo estas “tribos” africanas, incapazes de lidar com suas questões e extremamente dependentes do homem branco mascarado, eram quase sempre resolvidas por ele, que ainda encontrava tempo para dar uma ajudinha aos presidentes dos países africanos, através da Patrulha da Selva.⁸ Fantasma marcou toda uma geração de leitores, desde os anos 1930,

⁷Não são muitas as fontes em nossa língua disponíveis sobre este país. Entretanto, é possível encontrar em alguns livros informações que ajudam a entender o contexto atual em que se encontra: HERNANDEZ, 2005, p. 214 – 217; CHALIAND, 1982; SANTOS, 2011, p. 89 – 92; CARDOSO, 2011, p. 140 – 145.

⁸Para este trabalho foram utilizadas revistas em quadrinhos dos anos 1960, 1970, 1980 e 1990, com o intuito de cobrir o maior período possível entre as independências dos países da África e o tempo presente. As revistas do

quando foi criado, até os anos 1990, quando deixou de ser publicado no Brasil. Efetivamente, há significativo número de brasileiros que leram estas revistas em quadrinhos e tomaram tais representações como aquelas possíveis de explicar ou descrever o continente africano.

Tarzan foi outro personagem que serviu aos propósitos das representações estereotipadas sobre o continente africano. Seja através das suas revistas, ou nas diferentes edições dos seus filmes, a África estava sempre caracterizada como uma grande floresta, impenetrável e repleta de perigos iminentes. Animais perigosos, tribos selvagens e primitivas, macacos e leões são os sinônimos deste continente em que a maioria das pessoas que nele vivem é destituída de valores civilizatórios. Aliás, esta representação é recorrente tanto nas páginas das revistas de Tarzan, como nas do Fantasma, que foram publicadas pela EBAL até os anos 1980.⁹ Nas páginas destas revistas em quadrinhos, a “civilização” estava na Europa, ou nos EUA, e a África era o lugar da aventura, fadada a servir de morada para os primitivos seres que a habitavam. O clichê do grito de Tarzan ainda hoje é ecoado entre as crianças e os jovens que o assistem, vez por outra. Os filmes e as revistas do Tarzan contribuíram para a consolidação de uma representação em que a África aparece como uma grande selva, repleta de animais e “tribos” primitivas.

Tanto o cinema hollywoodiano, quanto as revistas em quadrinhos e os jornais contribuíram para definir e consolidar uma imagem negativa para o continente africano. Seguramente, pouquíssimas pessoas, mesmo no âmbito do ensino superior, poderão associar o continente africano com algo positivo, civilizado ou dotado de beleza. Lembrar da África é imediatamente remeter-se aos animais selvagens, ou as “tribos” primitivas. A África não combina com progresso ou civilização!

Estas questões devem ser entendidas, sobretudo, pelo fato de que ao longo do século XX diferentes gerações de homens e mulheres foram submetidas a verdadeiros “bombardeios ideológicos” em que os filmes transmitidos pelo cinema e televisão, bem como as notícias de jornais mostravam uma África extremamente negativa - um continente tomado por imensas florestas, repleta de animais perigosos e selvagens. Quem não leu uma notícia de jornal sobre um acidente grave, ou mesmo um golpe de Estado no continente africano? E quem não assistiu a um filme de Tarzan, ou a outros tantos que mostram a África como a negação da ordem e estabilidade social? E quem não leu alguma revistinha em quadrinhos, especialmente

Fantasma não são mais publicadas no Brasil, mas ainda dispõem de um significativo séquito de fãs, e serviram para consolidar imagens e visões sobre o continente africano.

⁹A EBAL (Ed. Brasil América) publicou as revistas do Fantasma e do Tarzan até os anos 1980.

do personagem denominado por Fantasma, que também mostrava uma África primitiva, selvagem, caótica e repleta de “tribos” que necessitavam da intermediação do homem branco?

Nesse sentido, entender estas representações, presentes nos filmes da indústria cinematográfica hollywoodiana dos anos 1960 até o tempo presente, bem como dos principais jornais diários e das revistas em quadrinhos do Fantasma é a melhor forma para entender como estas representações foram transmitidas à sociedade brasileira. Creio que desta forma serão melhores as condições para por em prática a lei 10639/2003, uma vez que teremos pleno conhecimento sobre a forma como se constituiu estas representações em nosso país.

Estudar a África para entender o Brasil?

Quais as razões para se entender o continente africano? Devemos fazê-lo por que se trata do local de origem dos negros e negras deste país, como afirmam diferentes setores dos movimentos sociais negros? Ou por que será esta a forma pela qual iremos entender o Brasil, como afirmam alguns estudiosos? Creio que precisamos estudar a África com o intuito de conhecer melhor a história da humanidade, dado o papel fundamental em diferentes momentos que este continente teve nesta epopéia iniciada há tanto tempo. Aliás, como se diz na atualidade, após os estudos de Leakey, a humanidade é tributária dos nossos primeiros ancestrais nascidos neste continente (LEAKEY, 1995).

A compreensão da história do continente africano é fundamental não apenas pelo fato de estarmos nos referindo a diferentes eventos que dizem respeito à vida humana de modo geral. Não haverá conhecimento histórico universal enquanto persistirem as lacunas sobre as sociedades africanas, principalmente aquelas que participaram diretamente de eventos que influenciaram e desdobraram-se em resultados perceptíveis para a humanidade como um todo. O Egito, célebre como local em que a civilização humana conheceu grande florescimento e desenvolvimento em praticamente todas as áreas da sociedade, o tráfico atlântico (que ainda hoje é objeto de diferentes querelas a respeito de ter sido esta a principal questão relacionada com a acumulação primitiva, que propiciou a revolução industrial na Inglaterra), as trocas agrícolas, bem como o próprio surgimento do homem enquanto espécie são algumas das questões que dizem respeito à história universal.¹⁰

¹⁰Sobre o tráfico Atlântico, ver: INIKORI, 2010, p. 91 – 134; THORNTON, 2004; LOVEJOY, 2002; M'BOKOLO, 2009, especialmente p. 219 – 515; REDIKER, 2011.

Nesse sentido, o entendimento da história do continente africano não deve ser visto como dádiva, tampouco como reparação de dívidas do passado. Os homens e as mulheres do tempo presente necessitam compreender a história, uma vez que é esta quem propicia a identidade e o reconhecimento do passado como legado de toda a espécie humana. Parafraseando Marc Bloch, é para isto que serve a História!

Algumas dificuldades para o estudo da História da África.

Inúmeras dificuldades persistem para o estudo da história do continente africano, sobretudo pelo fato de que ainda se encontram presentes entraves que impedem o exercício da pesquisa histórica em sua forma mais plena. Estes obstáculos foram objeto de discussão e análise no trabalho do célebre historiador Joseph Ki-Zerbo, que afirmou existir “uma barreira de mitos” impedindo o conhecimento do passado dos povos e das sociedades do continente africano (Ki-Zerbo, 2009, p. 10). Estas barreiras ganharam nova significação para Elikia M'Bokolo, sendo percebidas como “mitos científicos”, uma vez que são descritas como categorias fundamentadas na ciência, ganhando assim status de verdade científica:

[...] O trabalho dos homens de ciência produziu também de maneira mais insidiosa, ao lado das reconstruções históricas mais refletidas e mais duradouras, estereótipos tanto mais persistentes pois apareciam aparelhados com todos os emblemas da legitimidade “científica” ou acadêmica, ao mesmo tempo em que confortavam as falsas evidências do senso comum (M'Bokolo, 2009, p. 49).

Sobre a questão acima colocada, importa ressaltar o fato de que M'Bokolo, ao cunhar a expressão “mito científico”, tomou a ideia de mito como sinônimo de inverdade, o que para a grande parte dos antropólogos contemporâneos é um equívoco sem tamanho. Aliás, mesmo considerando-os como as principais referências para o estudo da história do continente africano, considerando os poucos trabalhos sobre o tema, sobretudo em língua portuguesa, não posso deixar de afirmar que tanto M'Bokolo, como Ki-Zerbo são tomados pela armadilha conceitual da racialização, criada pelo Ocidente. Esta racialização se expressa na simplificação e redução da humanidade em categorias tomadas a partir da cor da pele. Negros e brancos, aqui entendidos como conceitos, neste sentido, se constituem em outro entrave para o estudo da História do continente africano, ainda mais quando tomamos as categorias acima mencionadas e sobre elas estabelecemos inferências conceituais.

Assim, homogeneizar os povos do continente africano, reduzindo-os a categoria “negro” não nos ajuda no processo de conhecimento sobre a África. Os livros de M’Bokolo (2007, 2009) e Ki-Zerbo (2002, 2009), trazem consigo partes desta armadilha, ao utilizarem a categoria “África negra” como forma de se referir ao continente africano. Ressalte-se também que esta categoria conceitual “África Negra” está diretamente relacionada com a concepção eurocêntrica da História de que o continente africano foi dividido em duas partes pelo Saara. O norte, nesta perspectiva, seria compreendido como a África branca, e a parte abaixo do Saara, África negra.

Retomando a questão sobre os mitos científicos, devo insistir que ainda hoje existem diversos trabalhos que divulgam “verdades científicas” a respeito do continente africano, a exemplo de que este era dividido em duas partes incomunicáveis, tendo o Saara como principal obstáculo para a integração entre os povos dos dois lados. Na obra “*Pequena História da África*”, publicação recente de alguns professores da UFRGS, há a afirmação de que a África foi durante muito tempo um continente cindido em duas partes:

[...] Algumas regiões escaparam a essas limitações, como, por exemplo, o norte da África, embora submetido ao isolamento em relação ao restante do continente pelo Saara (Visentini et al., 2007, p. 12).

Para Cheik Anta Diop esta afirmação, de que a África estava cindida em duas partes, está diretamente relacionada com a tese de que o Egito não era uma civilização do continente africano, e que não possuía vínculos com os demais povos africanos, posto que o Saara os separasse e impedia o contato em todos os sentidos.¹¹ Outros “mitos científicos” existentes sobre o continente africano ainda estão presentes, tanto nos trabalhos recentemente publicados, bem como no paradigma de que os povos africanos constituem uma homogeneidade sócio-histórico-cultural passível de ser capturada na ideia de uma matriz africana. Este paradigma também constituiu, em nosso país, a referência de que todo negro é, invariavelmente, descendente direto dos africanos, como se os outros povos, oriundos do continente europeu, bem como os ameríndios não estivessem presentes nesse processo de constituição do povo brasileiro. Esta compreensão pode ser vista na obra *História e cultura afro-brasileira*, publicada sob a esteira dos novos trabalhos lançados no contexto pós-lei 10639 (Mattos, 2007).

¹¹Sobre a questão do Egito enquanto parte constitutiva do continente africano, profundamente integrada com outras civilizações, ver: OBENGA, 2010; DIOP, 2010; ZAYED, 2010.

A forma como este livro teve os seus capítulos dispostos mostra a compreensão naturalizada que a autora tem a respeito tanto da história da África, como dos negros brasileiros, uma vez que a obra tem sua primeira parte voltada sobre o continente africano, seguido de breve histórico sobre o tráfico atlântico, para em seguida ser desfechado na história dos negros e das suas manifestações culturais em nosso país. O percurso da obra, traduzido no plano de divisão dos capítulos, é suficiente para percebermos que a autora entende os negros e negras da contemporaneidade como descendentes diretos do continente africano. A visão simplista, nesse sentido, é fácil de ser traduzida para o esquema já consagrado em alguns trabalhos: África – escravos – negros. Eis uma relação que até mesmo os movimentos sociais negros recusam, ao afirmarem que não são descendentes de escravos. Resta-me dizer, uma vez que minha análise prendeu-se a obra, que talvez a autora tenha sido tomada pelo inconsciente, que se abate com grande força, sobretudo, nos estudiosos que se dedicam à História da África.

É esta compreensão da África e dos negros brasileiros que subsidia outros “mitos científicos”, e representações distorcidas, impedindo que se conheça e estabeleça outros olhares e pontos de vista sobre o continente africano e seus supostos “descendentes brasileiros”.¹² Infelizmente ainda estão sendo publicados trabalhos que trazem consigo ideias que aludem à perspectiva de que o continente africano é dotado de certas homogeneidades, a exemplo de algumas afirmações existentes na obra *A temática africana na sala de aula*:

[...] o mundo africano corresponde a um todo integrado onde se relacionam não só aspectos sociais, mas também o espaço e o tempo vivenciados pelas suas sociedades. Aliás, o entrosamento do tempo com o espaço é, sobretudo, uma premissa africana. No *pensamento tradicional africano*, o binômio espaço-tempo compartilha tamanha cumplicidade, que tornou imprescindíveis artifícios regulamentadores externos à realidade vivida, caso dos cronômetros e dos relógios que demarcam um tempo eminentemente matemático e abstrato (Serrano & Waldman, 2007, p. 136, grifo meu).¹³

Ao se deparar com este texto na obra citada, o leitor se reportará a uma África supostamente homogênea, como se todas as sociedades e povos dispusessem das mesmas categorias descritas. Outras afirmações relacionadas às religiões existentes no continente africano, ou mesmo a de que exista um “pensamento tradicional africano” remetem

¹²Uma excelente discussão em torno das identidades impostas ao continente africano, e de como os povos deste continente devem agir para romper com as estereotípias e homogeneidades, pode ser vista em: MBEMBE, 2001.

¹³Outras passagens do livro trazem consigo afirmações sobre “a religião africana”, o que me leva a afirmar que a obra, no que pesem seus aspectos positivos, foi pensada sob a influência dos estereótipos e das homogeneidades, dando ao continente africano uma condição e universalidade que ele não possui.

diretamente para a negação da imensa diversidade existente nesse continente. Creio que é preciso pensar as razões que propiciam a tendência de alguns estudiosos em representarem o continente africano como uma homogeneidade, mas tal questão não será aqui desenvolvida, dada a exiguidade do espaço e os propósitos deste trabalho.

Em suma, diferentes livros lançados recentemente, no contexto criado após a promulgação da lei 10639/2003, trazem consigo as referências de uma África pautada na homogeneidade, ou mesmo na ideia de que as práticas e os costumes dos negros brasileiros se constituem em transposições do continente africano para o Brasil. Também há as obras que aludem aos “mitos científicos”, e que se constituem em referências negativas para o estudo da História da África.

Para além das dificuldades em torno da História da África, creio que se faz necessário entender a forma como os brasileiros representam o continente africano, em meio aos filmes hollywoodianos, jornais diários e histórias em quadrinhos, que quase sempre mostram a África como um lugar inviável, selvagem, primitivo, caótico, miserável e permeado pelas guerras. Esta questão deve ser posta como de primeira importância, de modo que se constitua em instrumentos que subsidiem novas políticas públicas, que propiciem à sociedade brasileira o conhecimento sobre o continente africano em sua totalidade, propiciando a construção de visões mais próximas das realidades sócio-político-culturais africanas.

A África a partir das Revistas em quadrinhos: Fantasma, o herói branco!

Ao contrário do que é afirmado com recorrência, as histórias em quadrinhos estão presentes na vida das pessoas de praticamente todas as gerações. O gosto pelos “gibis” está há muito registrado em diferentes obras, filmes e músicas. Não é por acaso que nos grandes jornais existem os cadernos dedicados aos assuntos relacionados com a cultura, fatos sociais e quadrinhos! Nos maiores jornais de circulação nacional, a exemplo do *Diário de Pernambuco*, *Jornal do Commercio* (PE), *Folha de São Paulo*, *O Globo* (RJ), *A Tarde* (BA), dentre outros, os quadrinhos se constituem em presença obrigatória nos seus cadernos culturais.

Gerações inteiras foram formadas lendo personagens diversos, a exemplo dos heróis da Marvel, os animais de Walt Disney, ou mesmo as crianças de Maurício de Souza. Também era presença constante personagens que tinham o continente africano como cenário, ou como

temas circunstanciais. Fantasma, Tarzan e Jim das Selvas são alguns destes heróis que “fizeram a cabeça” de inúmeras pessoas. É possível afirmar que as gerações com maior idade tiveram como referências, para entender o continente africano, as representações existentes nestas revistas em quadrinhos. As histórias que tinham Tarzan e Fantasma como personagens principais foram, junto com as notícias veiculadas nos jornais diários, bem como os filmes veiculados pela indústria cinematográfica, as principais fontes informativas para a população em geral obter informações e conhecimentos diversos a respeito do continente africano. É neste sentido que interrogo a respeito de como estas representações mostraram os diferentes povos africanos, suas histórias e costumes.

Fantasma surge nos anos 1930, como uma criação de Lee Falk. Suas revistas tiveram sucesso significativo em nosso país, notadamente entre os anos 1960 até os anos 1990, quando deixa de ser publicado. O herói, conhecido como “Espírito que anda” também pode ser entendido como uma verdadeira dinastia, ocupada por homens que sucedem os seus pais no combate ao crime, desde o primeiro Fantasma, que prestou o juramento de luta contra o mal perante o crânio do assassino de seu pai. Desde então, o filho primogênito, após a morte do pai, ocupa o lugar, passando para os demais a ideia de que o Fantasma nunca morre. Apenas os pigmeus bandar conhecem o segredo do Fantasma como homem mortal.¹⁴

O momento de nascimento de nosso personagem é marcado pela curiosidade que o continente africano está despertando no ocidente ao longo dos quarenta primeiros anos do século XX. O século XIX, sobretudo o período que vai dos anos 1820 até os anos 1880, também é privilegiado em narrativas fantásticas de viajantes, missionários, exploradores e comerciantes que descrevem versões diversas sobre a África. Seus povos e costumes são colocados como exóticos, primitivos e selvagens. Certamente foram estas ideias que povoaram a mente de Lee Falk ao conceber a invenção do seu personagem mais famoso e que lhe conferiu maior sucesso.¹⁵

¹⁴Fantasma encontra-se sob o dilema de ser um herói, ou super herói. Ao segundo são imputados poderes sobre humanos, a exemplo de dispor da capacidade de voar, soltar raios, dentre outros atributos. Fantasma é considerado um super herói, mesmo não tendo nenhum tipo de poder sobre humano. Estas questões podem ser mais bem discutidas em: VIANA et al., 2011. Sobre as histórias em quadrinhos, ver também: VIEIRA, 2007.

¹⁵Nunca é demais afirmar que o continente africano foi representado, e inventado pelo ocidente de forma negativa. Estas representações marcam ainda hoje a forma como grande parte da população brasileira enxerga a África. Este fenômeno possui seu paralelismo na invenção do oriente pelo ocidente. Sobre esta questão, ver: SAID, 2007. Sobre o continente africano, como uma presença invisível nos romances ingleses, ver: SAID, 1999. Importa entender que este contexto é fruto da efervescência do século XIX, pródigo na grande quantidade de narrativas e informações fantasiosas sobre o continente africano. Richard Burton, um dos muitos viajantes ingleses, foi responsável por muitas destas narrativas. Sobre o mesmo, ver: GEBARA, 2010; RICE, 2008.

Conforme já vimos, ainda hoje persistem as representações que fazem da África uma grande selva, repleta de animais e povos selvagens, incapazes de regerem suas vidas. Em geral, ao compulsarmos as revistas em quadrinhos, especialmente Fantasma, iremos perceber qual África está sendo transmitida para o leitor. Suas revistas foram lidas por diferentes gerações de brasileiros, ao longo dos anos 1960, 1970, 1980 e 1990. Fantasma resolve todos os problemas existentes entre os povos da África. Luta contra piratas, caçadores e “tribos” selvagens. E ainda tem tempo para solucionar questões relacionadas com a política macro, evitando golpes palacianos, ou conspirações contra os chefes de estado.

Mesmo não havendo mais revistas deste personagem em circulação nos dias atuais, pode-se afirmar que os homens e mulheres, com mais de trinta anos, que se divertiram lendo as aventuras do “Espírito que Anda”, receberam, seguramente, influências das estereotípias e representações negativas sobre o continente africano. Na coleção de revistas publicadas pela EBAL, no início dos anos 1980, e disponíveis on line na internet, pode-se contemplar o herói em meio às lutas contra “tribos primitivas”, ou mesmo afirmando a superioridade da ciência, em detrimento das magias e crendices dos “selvagens africanos”. As tiras diárias, publicadas nos principais jornais brasileiros, tiveram seu papel de divulgar este personagem, bem como as representações que este transmitia sobre o continente africano.

É importante, no entanto, não caracterizar o personagem em questão como a representação do mal, ou mesmo do racismo. Fantasma não deve ser analisado sob a perspectiva do maniqueísmo. Suas histórias mostram uma África primitiva, e os seus povos, culturas e costumes estão presos a categorias que terminam por inferiorizá-los perante os brancos e europeus em geral. Mas Fantasma é dotado de uma grande ambiguidade. Seus roteiristas seguramente davam ao continente africano um ar de pureza e ingenuidade, mas atribuíam ao mesmo alguns aspectos positivos, sobretudo à medida que os contextos políticos vão sofrendo diferentes transformações. Fantasma, entretanto, foi seguramente quem melhor “divulgou” o continente “selvagem” e “primitivo” no Brasil.

Cinema e jornal: de que África estamos falando?

As representações construídas sobre o continente africano também tiveram lugar nos filmes e jornais. Em relação aos primeiros, importante lembrar-se das séries em que o protagonista andava nos cipós, cercado de animais amigos e gritando o seu famoso bordão,

ainda hoje repetido pelos mais velhos. Tarzan encantou gerações, e nos fez acreditar que a África era de fato uma grande selva. E neste sentido, importante lembrar o papel do cinema no processo de construção das representações (Carrière, 2006; Xavier, 2008; METZ, 2010). Nenhuma linguagem cumpre melhor papel!

O cinema hollywoodiano deve ser visto como fundamental para entender as representações existentes na sociedade brasileira sobre o continente africano. Os filmes que aludem à África, lançados ao longo dos anos 1960 aos dias atuais, mostram os clichês consagrados e que sempre estão presentes nas narrativas fílmicas do gênero. A masai branca, A intérprete, Amor sem fronteiras, O jardineiro fiel, Diamantes de sangue, O senhor das armas, dentre outros, são apenas alguns dos muitos exemplos possíveis de serem elencados para evidenciar a forma como o cinema hollywoodiano representou (e representa!) o continente africano (Aumont et al., 2009; Aumont, Marie, 2009; Ribeiro, Ferreira, 2007).

No geral prevalecem as versões e os clichês que mostram a África como o lugar da guerra, fome, miséria, caos e desordem. Estes filmes nos transmitem representações e ideologias que trazem, seja de modo subjacente, seja na forma explícita, a ideia de que a África é inviável e dotada de uma crônica incapacidade de autogestão. Os povos que vivem neste continente necessitam ser “governados e civilizados”, devido à ausência da capacidade de constituição de governo próprio. Esta é uma das muitas conclusões a que chegamos após assistirmos qualquer um dos filmes acima citados. É preciso compreender as representações construídas por esta indústria cinematográfica, mostrando-a como a chave para entender algumas das razões que levam a imensa maioria da sociedade brasileira a acreditar nas estereotípias que obstaculizam o conhecimento da história do continente africano em sua forma mais plena.

Os jornais diários constituem-se em outro elemento fundamental para a compreensão destas visões distorcidas sobre a África. Todos os dias, diariamente, diferentes jornais trazem as notícias sobre catástrofes, guerras, golpes de estado, ou desastres ecológicos que ocorrem no continente africano. Este é o lugar preferido para notícias negativas. Evidente que nem sempre os jornais trazem matérias sobre a África, mas o quando o fazem, quase sempre é para informar que determinada região está assolada pela fome, ou que um presidente foi assassinado, ou então deposto.

Difícilmente chegam notícias positivas sobre a África, e por isso que em nossas mentes as representações que construímos sobre este “lugar” são baseadas em pressupostos e

imagens negativas. Não foi à toa que o ex-presidente Lula, quando esteve em Windhoek, em 2003, deparou-se com uma cena estranha para o que conhecia do continente, e declarou que estava em um lugar que nem parecia a África, devido à ausência de problemas que normalmente encontramos nos jornais, filmes hollywoodianos, reportagens televisivas, dentre outros meios.

Ao longo das décadas de 1960, 1970, 1980 e 1990 pude perceber que se construiu uma imagem da África pautada na guerra, na fome e no caos. A África tornou-se sinônimo de desordem, fome, AIDS, miséria, guerras, e acredito que ainda hoje estas são as imagens predominantes no seio da população brasileira. Não posso afirmar que estas representações do continente africano sejam “mentirosas”, mas não tenho como, após uma leitura dos jornais tão extensa no tempo, deixar de afirmar que esta é uma África construída historicamente.¹⁶

Grande parte das notícias que li não eram produzidas pelos jornalistas brasileiros, mas procedentes de grandes agências internacionais. Impõe-se, portanto, pensar como essas agências de notícias corroboraram e contribuíram para construir uma imagem da África e de sua história, questão que apresento como uma das muitas interrogações deste presente trabalho.

Considerações finais

Creio que uma das principais conclusões sobre as questões expostas ao longo deste artigo diz respeito à necessidade de que é preciso desconstruir as representações que colocaram o continente africano no lugar do primitivo e atrasado, estabelecendo liames entre estes olhares e o preconceito racial existente no país. À medida que a África foi representada como um “país dos negros”, apresentá-la como negativa significava contribuir para que esta visão fosse deslocada para o Brasil. Ora, se o “lugar” dos negros é representado de formas negativas, efetivamente tais ideias respingam diretamente sobre as questões relacionadas com as imagens e conceitos em torno dos negros e negras de nosso país. Ressalte-se, entretanto, que em nenhum momento apresentei concordância com a naturalização imposta pelo pan-africanismo na relação entre negros brasileiros e o continente africano. Mas, não posso negar que as representações negativas do continente africano foram usadas como estratégia para

¹⁶Parte dos resultados da pesquisa que estão sendo apresentados neste artigo referem-se às leituras de dois jornais pernambucanos (**Diário de Pernambuco** e **Jornal do Commercio**), no período compreendido entre os anos de 1960 a 2000.

inferiorizar os negros, contribuindo para que ocupassem os piores postos na sociedade brasileira.

Também é importante entender que a representação não pode ser vista como algo simples e ingênuo, destituído de poder. A representação constrói realidades e formas de se entendê-la. A África é ainda hoje vista pelas formas que discorri ao longo deste artigo por ter sido representada e divulgada nos meios analisados: jornais, revistas em quadrinhos e cinema. Ressalte-se que esta África, construída por estas representações, ainda permanece nas cabeças da maior parte dos homens e mulheres de nossa sociedade. Assim sendo, este trabalho deverá corroborar na construção de uma visão mais efetiva sobre o continente africano, contribuindo assim, para a constituição de certa positivação tanto no que diz respeito ao entendimento das especificidades sócio-político-culturais, como nas questões de ordem mais geral relacionadas com a história da África em seu sentido mais pleno. Espera-se assim, que os resultados decorrentes gerem desdobramentos na produção de uma nova bibliografia sobre a história do continente africano, sob formas diversas. Novas representações estão sendo gestadas!

Referências

AJAYI, J. F. Ade. (Org.). **História Geral da África, vol VI - África do século XIX à década de 1880**. Brasília: UNESCO/ MEC, 2010.

APPIAH, Kwame Anthony. **Na casa de meu pai. A África na filosofia da cultura**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

AUMONT, Jacques, et al. 7ª ed. **A estética do filme**. Campinas: Papyrus Editora, 2009.

AUMONT, Jacques; MARIE, Michel. **A análise do filme**. Lisboa: Edições Texto e Grafia, 2009.

BARROS, José D'Assunção. Cinema e História: entre expressões e representações. In: NOVOA, Jorge; BARROS, José D'Assunção. (Org.). **Cinema – História: teoria e representações sociais no cinema**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2008.

BASTIDE, Roger. **O candomblé da Bahia**. São Paulo: Cia das Letras, 2001.

BOAHEN, Albert Adu. (Org.). **História Geral da África, vol VII - África sob dominação colonial, 1880-1935**. Brasília: UNESCO/ MEC, 2010.

CARDOSO, Pedro Escosteguy. **A nova arquitetura africana de paz e segurança: implicações para o multilateralismo e as relações do Brasil com a África**. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2011.

CARRIÈRE, Jean-Claude. **A linguagem secreta do cinema**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

CHALIAND, Gerard. **A luta pela África. Estratégia das potências**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

DIOP, Cheikh Anta. Origem dos antigos egípcios. In: MOKHTAR, Gamal (Org). **História Geral da África, Vol. II - A África antiga**. Brasília: UNESCO/ MEC, p. 1 – 36.

FASI, El Mohammed; HRBEK, Ivan. (Org). 2010. **História Geral da África, Vol. III - África do século VII ao XI**. Brasília: UNESCO/ MEC, 2010.

FERRO, Marc. **Cinema e História**. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

GEBARA, Alexsander Lemos de Almeida. **A África de Richard Francis Burton. Antropologia, política e livre-comércio, 1861 – 1865**. São Paulo: Alameda, 2010.

GOIDANICH, Hiron Cardoso; KLEINERT, André. **Enciclopédia dos quadrinhos**. Porto Alegre: L&PM, 2011.

GOUREVITCH, Phillip. **Gostaríamos de informá-lo de que amanhã seremos mortos com nossas famílias. Histórias de Ruanda**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

HATZFELD, Jean. **Uma temporada de facões. Relatos do genocídio em Ruanda**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

HERNANDEZ, Leila Leite. **A África na sala de aula. Visita à História Contemporânea**. São Paulo: Selo Negro, 2005.

INIKORI, J. E. A África na história do mundo: o tráfico de escravos a partir da África e a emergência de uma ordem econômica no Atlântico. In: OGOT, B. A. (Org.). **História Geral da África, Vol. V – África do século XVI ao XVIII**. Brasília: UNESCO/ MEC, p. 91 – 134. 2010.

KI-ZERBO, Joseph. (Org.). **História Geral da África, Vol. I – Metodologia e pré-história da África**. Brasília: UNESCO/ MEC, 2010.

KI-ZERBO, Joseph. **História da África negra. Volume II**. Mem Martins, Publicações Europa-América, 2002.

KI-ZERBO, Joseph. **História da África negra**. Mem Martins, Publicações Europa-América, 2009.

LEAKEY, Richard. **A origem da espécie humana**. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

LEAKEY, Richard; LEWIN, Roger. **O povo do lago**. Brasília: UNB, 1996.

LIMA, Ivaldo Marciano de França. Todos os negros são africanos? **Anais eletrônicos do XXVI Simpósio nacional da ANPUH, 2011**. Disponível em: [http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1309546368_ARQUIVO_Trabalho_completoANPUHIvaldo2011\[1\].pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1309546368_ARQUIVO_Trabalho_completoANPUHIvaldo2011[1].pdf); acessado em 08/10/2011.

LOVEJOY, Paul. E. **A escravidão na África. Uma história de suas transformações**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

LUMET, Sidney. **Fazendo filmes**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

M'BOKOLO, Elikia. **África negra. História e civilizações - do século XIX aos nossos dias**. Lisboa: Edições Colibri, 2007.

M'BOKOLO, Elikia. **África negra. História e civilizações – Tomo I (até o século XVIII)**. Salvador/ São Paulo: EDUFBA/ Casa das Áfricas, 2009.

MATTOS, Regiane Augusto de. **História e cultura afro-brasileira**. São Paulo: Contexto, 2007.

MAZRUI, Ali A.; WONDJI, C. (Org.). **História Geral da África, vol VIII – África desde 1935**. Brasília: UNESCO/ MEC, 2010.

MBEMBE, Achille. As formas africanas de auto-inscrição. **Estudos Afro-Asiáticos**, n. 01: 172 – 209. 2001.

MELEIRO, Alessandra. **Cinema no mundo. Indústria, política e mercado**. África, vol. 01. São Paulo: Escrituras Editora, 2007.

MERTEN, Luiz Carlos. **Cinema – entre a realidade e o artifício. Diretores, escolas e tendências**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2010.

METZ, Christian. **A significação no cinema**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2010.

MOKHTAR, Gamal (Org.). **História Geral da África, Vol. II - A África antiga**. Brasília: UNESCO/ MEC, 2010.

MORETTIN, Eduardo. O cinema como fonte histórica na obra de Marc Ferro. In: CAPELATO Maria Helena; MORETTIN, Eduardo; NAPOLITANO, Marcos; SALIBA, Elias Thomé. **História e cinema**. São Paulo: Alameda, 2011.

MOYA, Álvaro de. **Shazam!** São Paulo: Perspectiva, 1977.

MOYA, Álvaro de. **História da história em quadrinhos**. Porto Alegre: 1986.

MUNANGA, Kabengele. Identidade étnica, poder e direitos humanos. **Thot África**, nº 80: 19 – 30. 2004.

MURRAY, Jocelyn. **Grandes civilizações do passado. África o despertar de um continente**. Barcelona: Folio, 2007.

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2004.

NAPOLITANO, Marcos. A História depois do papel. In: PINSKY, Carla Bassanezi, et al. **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, p. 235 – 289. 2006.

NIANE, D. T. (Coord.). **História Geral da África, vol. IV – A África do século XII ao século XVI**. Brasília: UNESCO/ MEC, 2010.

OBENGA, T. Fontes e técnicas específicas da história da África – Panorama Geral. In: KIZERBO, Joseph (Org.). **História Geral da África, Vol. I – Metodologia e pré-história da África**. Brasília: UNESCO/ MEC, p. 59 – 75. 2010.

OGOT, B. A. (Org.). **História Geral da África, Vol. V – África do século XVI ao XVIII**. Brasília: UNESCO/ MEC, 2010.

OLIVA, Anderson Ribeiro. **Lições sobre a África. Diálogos entre as representações dos africanos no imaginário ocidental e o ensino da história da África no Mundo Atlântico (1990 – 2005)**. Brasília: Tese de Doutorado, Universidade de Brasília, 2007.

PRITCHARD, E. E. Evans. **Os nuer: uma descrição do modo de subsistência e das instituições políticas de um povo nilota**. 2ª edição. São Paulo: Editora Perspectiva, 1993.

PRITCHARD, Evans Edward E. **Bruxaria, oráculos e magia entre os azande**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

REDIKER, Marcus. **O navio negreiro. Uma história humana**. São Paulo: Cia das Letras, 2011.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart; FERREIRA, Lucia Maria Alves (Org.). **Mídia e memória. A produção de sentidos nos meios de comunicação**. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.

RICE, Edward. **Sir Richard Francis Burton. O agente secreto que fez a peregrinação a Meca, descobriu o Kama Sutra e trouxe As mil e uma noites para o ocidente**. São Paulo: Cia das Letras, 2008.

ROSENSTONE, Robert. **A história nos filmes. Os filmes na história**. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

SAID, Edward. **Cultura e imperialismo**. São Paulo: Cia das Letras, 1999.

SAID, Edward. **Orientalismo. O oriente como invenção do ocidente**. São Paulo: Cia das Letras, 2007.

SANTOS, Luís Ivaldo Villafañe Gomes. **A arquitetura de paz e segurança africana**. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2011.

SERRANO, Carlos; WALDMAN, Maurício. **Memória D'África. A temática africana em sala de aula**. São Paulo: Cortez, 2007.

SOARES, Mariza de Carvalho; FERREIRA, Jorge (Org.). 3ª edição. **A História vai ao Cinema. Vinte filmes brasileiros comentados por historiadores**. Rio de Janeiro: Record, 2008.

THORNTON, John. **A África e os africanos na formação do mundo atlântico – 1400 – 1800**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

TURNER, Victor. **Floresta de símbolos – aspectos do ritual Ndembu**. Niterói: EDUFF, 2005.

VIANA, Nildo; REBLIN, Iuri Andréas. **Super-Heróis, cultura e sociedade. Aproximações multidisciplinares sobre o mundo dos quadrinhos**. Ideias e letras, Aparecida, 2011.

VIEIRA, Marcos Fábio. Mito e herói na contemporaneidade: as histórias em quadrinhos como instrumento de crítica social. **Contemporânea**, número 08, vol. 01: 78 – 90. 2007.

VISENTINI, Paulo G Fagundes; RIBEIRO, Luiz Dario Teixeira; PEREIRA, Analúcia Danilevicz. **Breve história da África**. Porto Alegre: Editora Leitura XXI, 2007.

XAVIER, Ismail. **O discurso cinematográfico - A opacidade e a transparência**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

ZAYED, Abd El Hamid; DEVISSE, J. Relações do Egito com o resto da África. In: MOKHTAR, Gamal. (Org.). **História Geral da África, Vol. II - A África antiga**. Brasília: UNESCO/ MEC, 2010.